

TEIXEIRA DE PASCOAES – O POETA FILÓSOFO

Todas as actividades poéticas de Teixeira de Pascoaes se orientaram a partir da sua adolescência-juventude, no sentido de “cumprir o sentido da vida”.

Foi, aliás, esse empenho que, em dada altura, levou o poeta a abandonar as actividades do foro, onde vinha mesmo obtendo algum êxito profissional, para dedicar o tempo todo “a observar o céu pelos buracos das estrelas”.

Um encontro ocasional com Eleonor, “a figura sincrética dos seus sonhos, acabaria por arrastar Pascoaes pelos caminhos da transcendência e de uma religiosidade universal.

A esse propósito, já temos comparado algumas vezes Pascoaes com dois outros notáveis poetas europeus seus contemporâneos: Rainer Maria Rilke (1875-1926) e René Char (1907-1988).

Rainer Maria Rilke foi um notabilíssimo poeta austríaco, cuja poesia se caracteriza por um grande apelo às evocações míticas e pela metamorfose das manifestações terrenas em símbolos divinos.

Em René Char, poeta francês há poucos anos falecido, encontramos igualmente, como em Teixeira de Pascoaes e em Maria Rilke, uma ampla dimensão religiosa e um contínuo filosofar claramente inspirado no paganismo grego.

Do nosso ponto de vista, afigura-se-nos existir uma grande proximidade entre a poesia destes três poetas europeus e a filosofia de Soren Kierkegard, na sua descrição do chamado estado religioso (ético) ou de sentido moral.

Esse estado de angústia e de abandono é, para o filósofo dinamarquês, o único cuja subjectividade permite descobrir, através do sofrimento, o autêntico sentido da existência.

Em Pascoaes, essa religiosidade e essa transcendência estão sempre presentes, como uma inerência ao sentido da vida.

Ouçamos o conteúdo deste belo poema dedicado ao grande poeta Guerra Junqueiro:

“Espectros nebulosos
Remotos ascendentes
Emergem na penumbra que flutua
Toda embebida em lua.

E rodeiam-me, tristes, misteriosos.
Neles me perco e me difundo...
Longe da minha idade...
E tudo, para mim, é trágica saudade”.

Este belíssimo poema de sentido Junguiano mostra-nos, à luz da “psicologia analítica”, toda a original percepção do poeta do Marão e mostra-nos, sobretudo, toda a riqueza psicológica e filosófica que emergem do seu processo de “individuação original”, em que as figuras arcaicas e os mitos da sua infância se incorporam e difundem na sua própria personalidade.

Os marcos indiscutíveis da excelsa inspiração pascoaisiana e da sua excepcional criatividade manifestam-se, desde muito cedo, desde a sua juventude, em profusos conjuntos poéticos como Sempre, A minha alma, Terra proibida, A ventura, Jesus e Pan e Para a luz, conjuntos essencialmente líricos em que brilha uma apolória luz de redenção.

Mas o destino mítico do poeta, bem assinalado naquele poema dedicado a Guerra Junqueiro, havia de sofrer, porém, uma profunda mutação com o surgimento de um facto novo, que viria a transmutar o seu destino e o “sentido da sua vida”. Foi o aparecimento de “Alguém” por quem Pascoaes se apaixonou.

“A figura dos seus sonhos e do seu amor”, de uma delicadeza de formas infinita” (Garcia, M. – “Teixeira de Pascoaes”, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1976) haveria de chamar-se Leonor Dogge. E haveria de ser esse ideal romântico e mítico, consubstanciado numa figura feminina sincrética, de “rosto ruborizado de pudor e aureolada de luminosidade divina”, que Pascoaes haveria de perseguir por toda a sua vida, primeiro para Londres (1909), atrás dessa “rapariga de cabelos loiros em anéis, a cercar-lhe o cabeça dourada” e depois por toda a serra do Marão, atrás de Eleonor, a personagem central de *Marânus* (1912), “a figura de veste branca, cheia de pudor e silêncio, aureolada como um anjo louro e luminoso”.

Foi, então, perturbado pelo encontro casual com essa figura, na Foz do Douro (Porto), que Pascoaes parte inesperadamente para Londres, em Novembro de 1909, em busca da possibilidade de uma aproximação à sua “deusa”, com quem se cruzara naquele encontro casual e por quem se sentia apaixonado. Essa viagem terá resultado numa grande, numa indiscutível frustração, do ponto de vista da sua concretização amorosa. Mas um tal gesto comportamental viria a constituir, sem dúvida, a grande motivação e a principal simbologia que viria a inspirar a obra *Marânus*.

Esse encontro ocasional constituiu a verdadeira “circunstância orte-guiana” que, à semelhança do relâmpago que abrira, na estrada de Damasco, a frente de S. Paulo, provocou, na obra de Pascoaes, a transmutação da poesia lírica para a poesia filosófica.

Como referi recentemente, no meu livro intitulado “Encontros com Teixeira de Pascoaes”, a partir daí, o poeta recolheu-se à montanha e tal como o fizeram Moisés e Zaratrusta pôde orquestrar ao “som do canto das esferas”, as fabulosas obras de “*Marânus*” e “*Regresso ao paraíso*”.

Podemos assim afirmar que o conjunto de poemas *As Sombras* constitui uma verdadeira cúpula da primeira fase da obra pascoaisiana, cúpula em que o seu intenso lirismo se integra na expressão anímica da “saudade”, expressão que, apesar das críticas acérrimas de alguns outros homens talentosos como António Sérgio, constitui, sem dúvida, uma das características básicas da nossa poética e da nossa etno-geografia (Fonseca, A. F. da – “A fenomenologia da Saudade”, *Revista de Psiquiatria*, 3, 9, 1986).

Numa segunda fase da sua evolução, especialmente entre os anos de 1911 e 1915, o pensamento poético de Teixeira de Pascoaes, para além do profundo lirismo que já havia atingido, começa a aprofundar a sua transcendência para uma metafísica extraordinariamente original.

A publicação de *Marânus*, em 1911, de *Regresso ao Paraíso*, de *Elegias* e de *O espírito lusitano* e o *saudosismo* em 1912, de *O doido e a morte* e de *O génio português* na sua expressão filosófica, poética e religiosa em 1913, de *Verbo escuro* e de *Era lusíada* em 1914, de *Miss Cavel* e de *A arte de ser português* em 1915 dão-nos a ideia clara dessa enorme dimensão poética nacional do seu espírito, ao conseguir definir um arquétipo psico-social português, a partir do fundo místico-sentimental da Saudade.

Essa foi, a nosso ver, uma das grandes realizações criadoras de Teixeira de Pascoaes, o poeta que lia no Infinito, como afirmava Unamuno.

Com uma agudeza intuitiva e uma clarividência estética verdadeiramente geniais, o poeta do Marão conseguiu descobrir que esse sincretismo sentimental entre dois *contrários* (a lembrança presa ao passado e a esperança projectada no futuro) havia constituído, inconscientemente, para os povos luso-galaicos, o total investimento dos seus projectos transcendentais, tanto os de carácter amoroso como os de carácter patriótico e, mesmo religioso. O poeta de Marânus foi o primeiro a saber definir, com elevada precisão, a verdadeira dimensão desse símbolo sincrético e arquetípico da nossa plurivalência étnica, que se expressa na palavra *saudade*.

A saudade constitui, pois, para o etnos português, um fenómeno subjectivo extraordinariamente original.

Nascido de uma concepção etno-sincrética das populações galaico-portuguesas, começou este sentimento por manifestar-se através da poesia lírica, expressando uma forma de isolamento erótico em que se vivenciava o objecto de amor tornado ausente.

Cedo, porém, uma tal vivência da lembrança do passado, que normalmente deveria ser de tristeza e de derrota ou de angústia, de pânico e de amargura (a perda do *Paraíso*), acabaria por transcender-

-se e por transmutar-se num desejo e numa esperança redentora de reaver o objecto perdido. Dúvida, tragédia e desespero transformam-se, então, em esperança e conforto.

Introduzindo o passado na antecipação do futuro, a saudade tornou-se assim um sentimento de defesa individual (*Marânus*) e um sentimento de defesa e protecção colectiva (*Regresso ao Paraíso*). Como sentimento de defesa individual traduz a tomada de consciência da própria individualidade. E, como sentimento de defesa colectiva, expressa a relação com o outro (ou com a própria natureza), mesmo que esse outro esteja ausente ou se tenha tornado um bem perdido.

Ora é a partir dessa profunda vivência experimentada

“No alto templo de saibro, onde o luar
É tão saudoso canto, que os penedos
E os lobos ficam tristes, a cismar”

que Pascoaes começa a definir as suas ideias de “uma metafísica nacional”.

Maranus que é, realmente, em meu entender, a mais famosa obra de Teixeira de Pascoaes, porque é uma daquelas em que o poeta melhor define alguns dos seus conceitos sobre a “essência” e a “evolução do ser”, ou seja, sobre o percurso que se estabeleceu entre o mineral, o humano, o espiritual e o divino. “Marânus” é o poema do seu “enamoramento”, no qual nos confronta com a “essência do ser”, ao descrever-nos o irmanamento entre a montanha e essa figura de Marânus que era

“O ser que divagava
consigo pelo Mundo solitário
E a quem sua própria alma alimentava”.

A serra do Marão tem sido fonte de inspiração de celebridades, tais como Miguel de Unamuno e Miguel Torga. Mas, para Pascoaes, ela é a “montanha sagrada”, ou, mais concretamente, a expressão telúrica, por meio da qual toda a natureza ascende ao cosmo (panteísmo) e, daí, ao espírito universal.

E, a propósito dessa ascensão, é extraordinariamente curioso constatar que um povo como o português, que tem realmente um sentido trágico da vida, como afirmava Unamuno, tenha conseguido sublimar um tal sentimento por um outro com características algo redentoras. E foi esse “sentimento-sabedoria”, de raiz essencialmente popular, que os poetas e intelectuais do saudosismo (liderados por Teixeira de Pascoaes) pretenderam valorizar, não só como expressão estética mas também como expressão filosófica de uma raça.

É evidente que houve sempre uma certa especulação nessa perspectiva grandiloquente de atribuir ao saudosismo o valor de um sistema universalizante ou de um conteúdo filosófico específico que, à primeira vista, parece até adquirir um significado um tanto “paranóide”, apoiado naquilo que se poderia considerar uma “expressão autística” do etnos lusitano.

Mas não há dúvida que o saudosismo contém uma “expressão cultural própria”, cuja conceptualização se foi transmitindo com relativa facilidade a outros povos, nomeadamente ao povo brasileiro e aos próprios povos africanos de expressão portuguesa. E a “diáspora” lusitana tem continuado a comprovar essa realidade ao longo dos séculos, não só a diáspora de expressão popular como a de expressão intelectual (Jorge de Sena, Eduardo Lourenço).

Voltando à poética pascoaisiana, forçoso se torna reconhecermos que não se limitou apenas a um lirismo de inspiração étnica nem a uma poesia apenas “quimérica”, como diria Jorge de Sena, a intuição criadora de Pascoaes. À medida que os acordes da sua lira se iam tornando cada vez mais harmónicos, o poeta de *Sempre*, de *Sombras* e de *Senhora da Noite* ia avançando, a passo seguro, para a criação de novos conteúdos poéticos que, de uma forma gradual, acabariam por tornar-se grandes sínteses filosóficas de carácter universal.

Nos dois maravilhosos poemas de 1911 e de 1912, *Marânus* e *Regresso ao Paraíso*, que, como assinalou Leonardo Coimbra, têm um sentido nietzschiano, Teixeira de Pascoaes consegue deixar-nos bem delineada uma das suas grandes teses, talvez mesmo a mais importante de todas e que, quanto a nós, não tem sido muito profundamente analisada pelos seus biógrafos, ao mostrar-nos que existe urna redenção para a angústia humana, redenção que se clarifica, quando Pascoaes diz que:

“Marânus sentia mais alegre
Tornar-se vida, amor, fecundidade
A sua antiga e mística tristeza”.

É verdadeiramente extraordinária a perspectiva fenomenológica que se depreende destes versos, em que a simplicidade e a profundidade constituem o fenómeno fecundante de uma sublimação sentimental, sublimação na qual se encontra, subjacente, o conteúdo da saudade. Dir-se-ia que este Marânus pascoaisiano é já um ser sinestésico, não tanto no plano sensorial, mas, sobretudo, no seu mundo anímico. Qual Adão arrependido, Marânus percorre então os caminhos do transcendente na esperança de poder fazer, através deles, o seu “regresso ao paraíso”, onde irá juntar-se com os outros milhões de seres da natureza.

Nessa obra extraordinária que é o “Regresso ao Paraíso”, Pascoaes dá-nos, efectivamente, uma das mais belas descrições poéticas do destino do homem, descrição que já tenho comparado ao célebre “Juízo final” de Miguel Ângelo.

Tal como na maravilhosa produção plástica do pintor renacentista, vemos, no espaço abstracto de “Regresso ao Paraíso”, moverem-se igualmente os corpos torcidos (mas aqui acompanhados dos outros seres da natureza), expressando assim os sentimentos contraditórios que pulsam nas suas almas.

Pascoaes era um ser dotado de um profundo sentido estético. A prova disso está em que, para além desta excepcionalmente bela humanização e redenção poética do Universo, ele nos deixou alguns documentos plásticos como a pintura do “Arcanjo com a balança do juízo final”, documentos que comprovam a enorme riqueza da sua intuição criadora e que têm vindo a ser exposta em vários locais do país.

Nesse sentido, poderemos dizer que a definição da angústia existencial que nascera com Søren Kierkegaard e amadurecera em Edmund Husserl, viria a adquirir, em Teixeira de Pascoaes, através da “divinização” da Saudade, uma nova e ainda mais ampla dimensão, ao superar a “temporalidade” husserliana através de uma unicidade espiritual com a natureza.

A dualidade funcional de “O homem e a sua circunstância”, de Ortega y Gasset, ultrapassa em “Marânus” e em “Retorno ao Paraíso” todas as barreiras de um sujeito-objecto para se transferir para o plano unitário de uma essência monoteístico-panteísta. Jesus e Pan coexistem numa integração total e fazem parte do grande corpo espiritual da mãe Natureza.

Nesta perspectiva transcendentalista, bem poderíamos dizer que a poesia leva vantagens à filosofia, porque a primeira (a poesia), subordinada apenas aos rumos da intuição e da criatividade, não tem que se preocupar com os princípios da epistemologia e da ontologia que espantam a segunda (a filosofia).

Mas isso nem sempre é fácil de compreender e de aceitar. Por isso é que um crítico talentoso como João Gaspar Simões teve, quanto a nós, a infelicidade de afirmar que Teixeira de Pascoas, “não contente com ser um inspirado poeta, aspirava à glória de filósofo e reformador. E, se não lhe faltavam intuição e adivinhação poéticas, a verdade era ser inteiramente desprovido do espírito doutrinário e pensante. A sua doutrina literária, que, como doutrina literária, se revestia de aspectos alucinantes, como filosofia pecava por um confucionismo deveras nefasto”.

Do nosso ponto de vista, não consideramos que Gaspar Simões tenha sido feliz nesta sua apreciação sobre o poeta do Marão. Sendo embora um dos nossos maiores críticos e concedendo mesmo que “há intuição e adivinhação poéticas em Teixeira de Pascoas”, pecou, no entanto, por não ter sabido, em casos como este, despir-se do escolasticismo das definições e de não ter conseguido compreender ou aceitar que a poesia pode ser muitas vezes uma filosofia. E é-o especialmente quando, em versos como os que referimos, o poeta consegue, através da sua percepção global, que não tem que ser necessariamente sensorial (e não o é na maioria das vezes), criar e expressar uma transformação fenomenológica dos sentimentos.

Mas o poeta de Marânus ultrapassou mesmo essa percepção fenomenológica espiritualizando-a para além do mundo da emoção.

Quando Pascoaes diz que

“Espectros nebulosos,
Remotos ascendentes
Emergem na penumbra que flutua
E rodeiam-no tristes, misteriosos...”

torna-se óbvio que o poeta procura, ansiosamente, como diz Alfredo Margarido¹, “descurtinar, nos seres passados, os elementos que dão forma à intencionalidade da consciência” e que pelo seu significado simbólico podem até fazer prever o futuro. E isso é simultaneamente criatividade poética e criatividade filosófica.

A. Fernandes da Fonseca
Porto, Abril de 2003

¹ MARGARIDO, A. – Teixeira de Pascoaes. *A obra e o homem*, Editora Arcádia Ld., Lisboa, 1966.